ANO I — Lisboa—Terça-feira, 5 de Fevereiro de 1918 — N.º 293

A Monarquia

Diario Integralista da Tarde

Director
Conde de Monsaraz

Redactor principal
Antonio Sardinha

Propriedade da Sociedade Integralista Editora, Limitada

Escritorios e tipografia
R. de S. Paulo, 20

Impressão — Rua da Oliveira, 34

Editor — João M. Santos

Telefone: C. 1039

O Caminho do Ceu

Não são curiosos, positivamente, os homens de dinheiro que ahi passeiam, debitando *potins* pelas esquinas do Chiado, a sua confortavel ociosidade. Por mim, quando nem sequer um socego absoluto promettesse a minha fidelidade ao lixo da *capital*, já de ha muito teria ido, se pudesse, assistir a um dos mais formidaveis episodios da historia, o qual Deus quiz se passasse em nosso tempo.

Mais formidavel e novo do que a guerra, porque esta tem uma genealogia emocional familiar de quantos conheceram, durante um seculo de democracia europeia, a maior soma de guerras sangrentas que o mundo tem visto. Mas a revolução russa é um facto completamente inédito para aqueles que, não tendo assistido ás revoluções espirituais e etnicas da Edade-Média nem ás revoluções politicas do sec. XVIII, dificilmente conceberiam o conjunto disparate que essas convulsões sociais podem produzir agora, sob o acicate de apetites jovens e com uma virtualidade toda do sec. XV, nesse vasto país de religiosa invocação onde, mais do que em nenhum outro, o homem é, na verdade, — um animal metafisico...

Espectaculo formidavel esse, em que, não tanto a visão sensorial, mas principalmente os olhos do espirito, encontrariam um campo de observação inexgotavel e basto motivo para interrogar febrilmente o Destino sobre a curva fatal dos nossos destinos! E' uma esperiencia brutal a que se tenta na Russia e nela se empenham muitos milhões de homens; de quanta belesa e de quanta verdade se não enriqueceria uma alma estrangeira serenamente debruçada sobre esse incendio daluas que se extinguem na chama duma fé e duma esperança novas?

As vagas reportagens que de lá nos mandam, bastam ás vezes para me dar uma visão apocaliptica de tão fecunda monstruosidade.

E' a guerra civil entre os cossacos e os comissarios do povo, entre as sobrevivencias duma feroz e gloriosa casta militar e a cidade moderna que se revoltou contra o seu jugo; é a emancipação das velhas provincias do grande imperio; é a formação das pequenas republicas agrarias, á volta dos castelos senhoriaes abandonados e saqueados; são as negociações de paz entre representantes duma civilisação imperial e delegados dos operarios e soldados russos, um dos quaes se comove agradecido por lhe darem duas toalhas e dois sabonetes para o higiene do seu corpo...; é a pilhagem, o assalto, o delirio da libertação, o crime na sua primitividade, a virtude porventura no seu maximo esplendor.

Depois os motins sangrentos nas perspetivas onde Voltaire passeou sob o imperio de Catarina, que admirava d'Alembert, subsidiava Diderot e escolhia da Harpe para mestre dos seus netos... São os comicios tumultuosos onde os discipulos de Tolstoi insultam os discipulos de Tchernychevsky, onde os nihilistas á Pissarev atacam os nihilistas á Bakounine, onde os marxistas de Plekanov são vencidos pelos *narodnik* admiradores de Mikhailovsky e onde, por sua vez, os *narodnik* maximalistas de Lanine esmagam os *narodnik* do socialismo revolucionario...

E atravez de tudo isto, sob o ceu nublado e sobre esse sólo de lodo e sangue, ei-los que passam — os mujiks de Tolstoi, os parias de Gorki, as mulheres de Gogol e os doidos, todos os doidos! de Dostoïevsky...

*

Que ideia posso eu formar da revolução russa?

Baldadamente procuro *vê-la* na minha imaginação. Corro os olhos sobre a minha pequena bibliteca do *Devenir Social* onde Pareto, Sorel, o proprio Tchernitchevsky, Berth, Labriola, Isaief e Kautsky expõem as bases e as possibilidades desta sociedade nova que na Russia inopinadamente surgiu. Mas, alem de que estes livros se referem á nossa avançada civilisação economica e não ao regimen ainda pré-capitalista da economia russa, — entre a sua logica fria e o bafo quente da revolução oriental sinto que existe uma diferença mais profunda do que a existente entre a grande guerra europeia e os livros dum Bonnal ou dum von Bernhardi.

Mas poderei eu ter uma ideia da revolução russa atravez do que *seria* uma revolução social no meu país (cuja indole conheço), do mesmo modo que atravez de qualquer revolução politica posso imaginar o que seria amanhã a proclamação da republica em Londres ou em Madrid?

Todas as revoluções politicas se parecem; mas a revolução social que se iniciou na Russia não se parece com nenhuma revolução politica. E porquê?

Pela simples razão de que todas as revoluções politicas tem por objectivo essencial, e unico quasi sempre, a substituição do poder central ou a modificação da forma como ele é exercido.

Ao passo que na revolução social as transformações do poder representam apenas um meio de se atingir outro objetivo mais vasto — que é a reconstituição absoluta da vida social feita, não em atenção ás necessidades de governo, mas simplesmente, exclusivamente, em atenção ás necessidades da grande massa produtora. Duma certa maneira, pode dizer-se que as revoluções politicas partem da circunvolução para o centro, ao passo que a revolução social, realisando a emancipação progressiva de toda a Autoridade, partem do centro para a periferia.

A semelhança que existe entre todas as revoluções politicas provem da natureza do seu objectivo, isto é — do facto de esse objectivo poder revestir, independentemente do espaço e do tempo, a mesma feição ideologica, o mesmo geometrismo de contornos. Assim sucede que a destruição do Estado monarquico portuguez corresponde ao mesmo objetivo politico que tem a destruição do Estado monarquico francez ou, ámanhã porventura, a do estado monarquico espanhol... A filosofia politica diz-nos que a permanente uniformidade desse objectivo é o pecado original das revoluções que ultimamente se propozeram modificar a organisação dos estados; o que é certo, porém, é que esse pecado se tem praticado, havendo povos que, mantendo-se nele durante largos anos, parecem desprezar o risco de morrerem impenitentes...

Se a feição ideologica do objetivo das revoluções politicas as assemelha e confunde umas com as outras, é porque essas revoluções se operam sobre um mecanismo sem vitalidade própria, como todos os mecanismos, e, portanto, susceptivel de tomar indiferentemente uma aparencia monarquica ou uma aparencia republicana. A multidão popular, o organismo nacional, não se apercebe delas nem as compreende porque, alem de tudo o mais, elas não modificam as condições fundamentais da sua existencia nem visam diretamente á satisfação das suas fundamentais necessidades.

O mesmo não sucede com a revolução social. Ha decerto no seu objetivo uma feição ideologica comum a todas as literaturas revolucionarias. Todavia, essa feição não é dominante porque está sujeita aos desmentidos imediatos da experiencia, *e a verdade é que a verdadeira revolução social consiste mais na experiencia do que no proprio objetivo que se propunha*, podendo acontecer que aquela ultrapasse ou não alcance este objetivo *sem que, no entanto, deixe de haver uma autentica revolução social.*

Por outro lado (e era a isto que eu desejava chegar) se a revolução social incide, não sobre um mecanismo inerte — o Estado —, mas sim diretamente sobre o organismo nacional, modificando por completo as condições da sua existencia e pretendendo satisfazer as suas necessidades fundamentais, — claro está que o aspeto, as aparencias e as realisações praticas dessa revolução são profundamente condicionadas pela fisionomia, pela indole, pela idiosincracia especial de cada povo e pela virtualidade das suas utopias. Por isso as tentativas de revolução social se não podem parecer dum para outro país, ao contrario das revoluções politicas que todas teem os mesmos caratéres.

Alem disso, as revoluções politicas, se quando se iniciam teem o Estado como objectivo, quando se continuam teem como agente o mesmo Estado ao serviço da minoria que dele se apossou. Ora, o agente da revolução social é o proprio povo, entregue decerto á brutalidade da sua incultura, ás solicitações perigosas da sua animalidade, mas dentro de certos limites esclarecido pelo seu interesse de produtor, pela compreensão mais facil desse interesse e, acima de tudo, ajudado pela sua *voz interior, que o fará encontrar-se a si proprio* e recuperar a sua primitiva originalidade.

... Quando medito nestas coisas vagas que vagamente interessam ao Pretor, parece-me que o nacionalista está tanto na sequencia logica e cronologica da revolução social como o ceu, segundo dizem autores consideraveis, está no justo termo dum caminho pedregoso, marginado de abismos e com vermelhos cactos aguçando para nós os seus espinhos...

João do Amaral.

Os crimes contra a Patria

A questão Bolo

O sr. Afonso Costa e o pachá

Com estes titulos publica a *Action Française*, chegada ontem a Lisboa, o seguinte telegrama:

«Lisbon, 29 de Janeiro. — O sr. Afonso Costa, antigo presidente do Conselho português, que continua preso no forte de Elvas, tem sido interrogado sobre os documentos encontrados no seu cofre em seguida a uma busca.

Diz-se que alguns destes documentos comprovarão a existencia de relações entre o sr. Afonso Costa e Bolo pachá.

O governo julga necessaria a anulação de todos os passaportes diplomaticos que não estejam revestidos do seu «visto».

Nota da Redação. — O primeiro jornal que patenteou a publico a suspeita de que a firma Afonso, Leote, Norton & C.ª devia ter relações com a firma Cailaux, Bolo, Vigo & C.ie foi *A Monarquia*.

A prova dessas relações veio agora com o documento encontrado no cofre do sr. Afonso Costa, — o inquerito a varias fortunas de altas individualidades tendo escrito á margem a palavra «atentados» — que constitue mais do que um inicio para a justiça, uma peça formidavel de corpo de delicto. E nós veremos a conta em que os jornais francezes, que por estes dias nos chegarem, terão esse documento.

* *

RIO DE JANEIRO, 3. — O jornal «O País» acha que as acusações que pesam sobre o dr. Afonso Costa são graves, sendo necessario que ele se defenda, porque só ele poderá explicar a razão porque forneceu a Bolo-Pachá uma lista de algumas fortunas particulares com aquela palavra *Atentados*.

«Folha da Tarde»

Sai ámanhã este jornal, orgão do senhor Egas Moniz e a cuja redação pertence o dr. Antonio Rita Martins.

Notas da Guerra

Já podemos dizer que a ofensiva da primavera se dará. Tal foi a resolução do conselho interaliados de Versailles, nem outra podia ser, com o sangue das vitimas do ultimo bombardeamento aereo ainda fresco nas ruas de Paris.

Duvidaram alguns jornais que o selvagem atentado, mais selvagem que nenhum outro até hoje perpretado contra a capital do mundo, fosse feito com o intuito de aterrorisar, de evitar pelo raciocinio á von Bernhardi — a guerra é tanto mais humana quanto mais cruel — que a luta mandial se prolongasse mais este ano.

Supunham estes nossos colegas na imprensa que os «boches» tivessem qualquer interesse neste bombardeamento: ou o desejo de distrair as atenções dos alemães do interior com um *Kolossal* feito de aviação, ou o proposito de impedir qualquer aproximação moderada e pacifista; nada disto foi, quanto a nós, o verdadeiro motivo. Quem conhece a psicologia teutonica sabe que eles são de um inconcebivel primitivismo, para não dizer outra coisa. Se bombardearam agora Paris de uma fórma tão brutal e tão selvagem foi na intenção de meter medo e de fazer com que os parisienses, deante do espectaculo dos seus lares destruidos, depuzessem as armas e se confessassem vencidos. E' espantoso, mas assim é que é.

No genero maldade estupida, os «boches» teem «nuances» que excedem todas as previsões e possibilidades.

Dr. Antonino Pestana

Constituiu uma bela afirmação de inteligencia e cultura a conferencia do sr. Antonino Pestana na Academia de Estudos Livres. Interessa-nos de perto grande parte das suas conclusões. Mais de vagar lhe faremos referencia, limitando-nos por hoje a prestar a nossa homenagem ao conferente.

Consta que uma das modificações a introduzir na Constituição é dar ao presidente da Republica o direito de ser reelegito.

Feridos da guerra pela tuberculose

Como os monarquicos desejam auxiliar o governo nas questões economico-sociais, não será fora de proposito, dedicar alguns artigos sintéticos, chamando a atenção do sr. ministro da guerra, sobre a momentosa questão dos «feridos» pela tuberculose na actual grande guerra.

Quando começarem as inspeções e reinspeções no Algarve — ao que constava norteadas pela rigorosa ordem superior de apurar a torto e a direito — escrevemos um artigo no jornal o «Algarve» intitulado «A tuberculose no exercito», mostrando os graves inconvenientes que para o Estado podiam advir, de tão levianamente se arrebatarem a vida util que tinham na nossa provincia sob seu admiravel, ameno e doce clima, individuos que sujeitos a fadiga de instrução militar intensiva e depois transportado para o clima frio, e cheio de humidades burilhadoras de bolôr, á morte da França, só viriam constituir um gravissimo prejuizo para o nosso país e um encargo para o Estado.

Os predispostos para a tuberculose, bem como os tuberculosos latentes tornar-se-hiam actuais.

Com magua, segundo nos dizem, não fômos atendidos, e já muito tarde a experiencia provou a necessidade de atenuar os rigores das inspeções, conforme as novas ordens do ex-ministro da guerra.

Nestas questões da guerra parece-nos que durante o governo democratico a incompetencia caminhou a par da insconsciencia. Em todo caso não é nem sensato nem justo que os tuberculosos latentes, tornados actuais em consequencia de serem chamados ás fileiras, bem como os que se tuberculisarem em campanha, sejam abandonados quando não possam tratarem-se em casa, quer por serem indisciplinados, quer por falta de recursos.

Eis a razão porque entendemos que o Estado deve aproveitar os sunatorios já existentes e mandar construir outros para a cura dos nossos soldados.

O dinheiro necessario para a manutenção dos doentes nos sanatorios já existentes, bem como para a construção dos novos, poderá o governo buscá-lo dos lucros excessivos provenientes da guerra, avaliando as fortunas de alguns comerciantes, industriais, etc., etc., desde o seu inicio.

Efectivamente, como muito bem dizia ha meses o jornal a «Ordem», não se comprende a situação privilegiada destes cavalheiros, quando a Patria pede sacrificios aos nossos bravos soldados que tão brilhantemente se batem pelo seu país.

*

Como fazer porem a distribuição dos soldados tuberculosos para quem está contra indicado o clima maritimo?

No artigo anterior dissemos que unicas contra-indicações importantes estavam nas tuberculoses pulmonares congestivas ou em evolução.

Os tuberculosos neste ultimo caso, desde que nenhuma das numerosas contra-indicações do clima de altitude se lhe oponha, poderão ser instalados no sanatorio já existente da Guarda.

Infelizmente porem a Guarda não oferece no inverno condições de clima favoraveis para o tratamento dos tuberculosos.

O ar humido não é prejudicial nos tuberculosos — antes pelo contrario beneficia aqueles que tossem violentamente no inicio da sua doença — só pela quantidade de vapor dagua suspenso na atmosfera, mas pela proximidade do ponto de saturação.

Ora as observações meteorologicas provam, (1) que as temperaturas atmosfericas, são na Guarda, a maior parte das vezes, abaixo de zero de zero, dando logar a evaporação das geadas etc., etc., de modo que nunca fiquem longe do ponto de saturação.

As chuvas violentas, as tempestades etc. etc, são predilectas aos tuberculosos. E o observatorio da Guarda acusa em media 78 dias de intemperies 25 dias de tempestades e ventos violentos 116 dias de muita chuva.

Pelo exposto se conclue que a Guarda é imprópria para o tratamento dos tuberculosos no inverno, devendo as curas obtidas durante esta estação, atribuiram-se a competencia do ilustre colega o sr. dr. Lopo de Carvalho.

Quanto a clima de planicie, aconselharemos o sr. ministro da guerra a mandar construir um sanatorio na região campestre d'Alportel, onde poderão ser instalados, todos os soldados a quem esteja contra-indicado o clima de altitude e no inverno todos aqueles a quem a estada na Guarda seja prejudicial durante esta estação.

No proximo artigo trataremos, em resumo, do maravilhoso clima campestre d'Alportel.

Faro, 31 de janeiro de 1918.

José Filipe Alvares

(1) Anuaes do Observatorio D. Luiz, referentes aos anos de 1908, 1909, 1910, 1911, 1912.

Uma confissão...

A *Republica* escorregou e disse uma grande verdade. Afirmou no seu anónimo «artigo de fundo» que *o povo é de seu natural simples e não está habituado a vêr por traz dos factos.*

A *Republica* assim o pensou e assim o disse. E ela que o pensou e disse é porque tem a experiencia dos factos. Nós tambem a temos, por a termos experimentado duramente.

Se o povo não fosse simples, se não soubesse vêr através dos factos, nós a estas horas não teriamos a republica, tão funesta, não estariamos na guerra nas condições em que nos encontramos, nem teriamos entregado Moçambique aos alemães.

O povo é do seu natural simples e não está habituado a ver por traz dos factos, confessa a *Republica*. Assim é.

Porque se o povo soubesse ver com os seus proprios olhos, não teria aplaudido o sr. Antonio José de Almeida, o palavroso orador dos comicios romanticos, nem o sr. Afonso Costa que sabia de quem tinha boas fortunas.

Mas é com a ignorancia que os habilidosos sóbem, medram e triunfam. E foi á custa da ignorancia do povo que o sr. Antonio José de Almeida triunfou e comandou as tropas alemãs em Africa.

Apraz-nos registar a confissão da *Republica*...

Os escandalos da Biblioteca Nacional

Afirmamos no sabado que não deixavamos de mão este escuro caso, até que se faça bastante luz sobre os factos verdadeiramente graves de que estamos informados.

E' uma suja meada, cujos fios vamos desfiar dia a dia.

Já são tradicionaes entre os empregados da Biblioteca os comentarios sobre coisas suspeitas, passadas na contabilidade bibliotecaria, onde alem de arbitraria e constante transferencia de verbas, se citaram nas contas, antigos casos grotescos, como por exemplo de, na catalogração figurarem mulheres analfabetas que ganhavam dinheiro em suas casas, sem saberem talvez onde era a Biblioteca.

Era um bodo por pessoas de familia e afilhados, será isto verdade?... Ora estes factos, apesar de remotos, precisam ser verificados e por isso a sindicancia deve começar de um periodo atrazado, por exemplo, a partir de 1905, de forma a poder-se verificar se figuraram realmente mulheres na catalogação e se havia ligação de parentesco com quem mandava nas contas.

Apesar de casos antigos, precisam ser esclarecidos, bem como outros que vamos relatar.

No ano de 1912 eram taes as murmurações dos funcionarios da Biblioteca, sobre os escandalos da sua contabilidade, que o sr. Faustino da Fonseca levantou no seio da Junta Consultiva das Bibliotecas e Arquivos a questão do inquerito a esses factos.

Apareceram logo ilegalidades e varios escandalos e parece que remunerações indinidas, a filhos ou pessoas de familia, e a amigos do chefe da contabilidade

Este caso fez grossa borrasca no seio da Junta Consultiva das Bibliotecas, mas abafou-se logo, não sabemos por quê.

O sr. inspector devia ser disso informado á sua chegada, bem como de que certo amanuense, Menezes, chegara a vias de facto com o chefe da contabilidade, mas dias depois da posse de s. ex.ª era esse amanuense transferido, pelo que achando-se agravado pediu a sua demissão.

E' preciso que a sindicancia tome pois conhecimento dos actos da Junta Consultiva das Bibliotecas e Arquivos no ano de 1912 e apure bem estes factos.

(Continuaremos)

A "Republica", arreliada

A *Republica* vem esta manhã muito arreliada, embora disfarce o seu descontentamento com um risinho amarelo.

E' com mais um antagonista que lhe aparece, a combater de certo a politica da *União Sagrada*, e quem sabe? para lhe roubar as assinaturas.

E' com o proximo aparecimento do *Jornal da Tarde*, orgão do centrisaco do sr. Egas Moniz, que a *Republica* se arrelia e morde. Ela conhece muito bem a força dos seus já raros correligionarios.

Ela sabe como os evolucionistas são voluveis. Se não fosse a *União Sagrada*, os evolucionistas estariam já todos eles, com filhos e tudo, matriculados no partido do sr. Afonso Costa, os evolucionistas que hoje são meio democraticos.

Descanse a *Republica*. As suas assinaturas nada sofrerão com o *Jornal da Tarde*, porque se o sr. Egas Moniz é um homem de criterio, não meterá de portas a dentro nenhum evolucionista...

O aniversario do jornal "A Ordem"

Jantar de confraternização

Sob a presidencia do sr. conselheiro Fernando de Sousa, realisou-se ontem, ás 7 horas da tarde, o jantar de confraternização dos redactores e colaboradores de «A Ordem», que decorreu sempre no meio da mais viva e franca alegria.

Ao «toast» ergueram-se brindas ao director, em honra de quem se realizou o jantar, a Sua Eminencia o sr. Cardeal Patriarca, a Sua Santidade Bento XV, aos capelães militares e aos fundadores de «A Ordem», encerrando-se a serie com um brinde á Patria, do sr. conselheiro Fernando de Souza.

Ao jantar assistiram os srs. conselheiro Fernando de Sousa, dr. Pereira dos Reis, conego Molta, Zuzarte de Mendonça, dr. Antonio Pestana, dr. Eduardo Peira, Luiz da Graça Reis, Soares Brandão, José Antunes de Figueiredo Junior, Arnaldo de Oliveira, Antonio Santos, padre João Filipe dos Reis, Raul Joyce Puschini, dr. Joaquim Francisco da Silva, padre José Alves Terças e Mario Martins.

Dr. Lobo de Avila Lima

Foi reintegado no seu logar de professor da Faculdade de Direito de Coimbra o senhor doutor Lobo de Avila Lima. E' um acto de justiça que honra o governo que o praticou. Cumprimentamos o ilustre professor, cuja competencia se encontra afirmada em mais dum trabalho notavel.

Martinho Nobre de Melo

A sua conferencia

Realizou-se com notavel assistencia na Liga Naval ontem á noite a conferencia anunciada do sr. dr. Martinho Nobre de Melo. Foi ela, na verdade, uma bela afirmação de inteligencia e de cultura, que o moço professor deve considerar como um dos melhores titulos da sua reputação mental. Como homem de sciencia, o dr. Martinho Nobre de Melo encarou o momento actual no seu duplo aspecto politico e social, demonstrando como a natureza viciosa do Estado moderno está em decomposição. Assiste-se, contra a pulverisação individualista dum seculo e tanto de vã metafisica revolucionaria, á renovação corporativa da sociedade, segundo o tipo historico que a Idade-Média deixou á nossa meditação.

Ocupou-se o dr. Martinho Nobre de Melo com superior serenidade do problema sindicalista, vendo nele a solução organica para a crise que o Estado atravessa. Afigura-se-nos até ser essa a passagem mais acabada e mais luminosa da sua conferencia. Fez-nos justiça o dr. Nobre de Melo, ao lembrar que em Portugal só aos integralistas o Sindicalismo não assustá. Pois é preciso contar com ele, — irmos ao seu encontro e pela transformação da estructura do Estado, realizar na sociedade o equilibrio perdido, a sua perdida harmonia.

A categoria scientifica do dr. Martinho Nobre de Melo revestiu as suas palavras duma singular autoridade. Inscreveu-se francamente pelo «poder-pessoal» do chefe do Estado, em nome dum principio tão natural como legitimo: — a todo o orgão deve corresponder uma função. A este proposito insurgiu-se contra a confusão que se estabelece, por deslealdade e por ignorancia, entre «poder-pessoal» e «absolutismo», asseverando de seguida que o «absolutismo», — foi o precursor directo da democracia. Como vêem, são verdadeiras conclusões integralistas, contraprovadas por quem é, longe de nós, não é de modo nenhum um integralista.

Realmente, inclinado ao Tradicionalismo e vendo no Tradicionalismo o aliado do Sindicalismo, o dr. Martinho Nobre de Melo encontra-se ainda longe de subscrever a nossa síntese doutrinaria. Pertence um pouco á linhagem intelectual de Georges Dehmere, em quem resuscita a «ditadura sociocratica» de Comte. Para o dr. Martinho Nobre de Melo é o factó do Estado forte, que lhe merece as atenções seja com monarquia, seja com republica. Começada e deduzida a sua conferencia com ponderado espirito scientifico, o seu defeito foi ter-lhe desviado o fim para uma *conclusão de politica imediata*.

Mas não discutamos o caso agora. Simplesmente no dominio de ideas uma simples observação. Se os sindicatos, baseados nos intereses das classes, serão ámanhã os organismos determinadores da sociedade, é necessario que o poder do Estado possúa a energia suficiente para os manter na desejada coexistencia. Não será lança-los uns contra os outros, deixando á eleição a escolha do chefe do Estado? Não será inocular-lhe da mesma maneira o gosto dissolvente da politica, a que é fundamental subtrai-los? E sendo assim, onde a estabilidade, onde a autonomia dos orgãos centraes do Estado? Recordemo-nos do aforismo de Comte, segundo o qual a designação dos governantes pelos governados é um fermento mortalissimo de desagregação e anarquia.

No entanto, ha mais ainda. Poderá um representante, ainda que vitalicio, das necessidades vitaes do Estado, desde que saia da eleição, tornar possivel os diversos antagonismos sociaes, que é chamado a reger? Creio que não. Só um egoismo que por conveniencia propria nem sendo contra nenhum e sendo por todos, é que viabiliza a ordem ambicionada. Aqui damos, scientificamente, com a Monarquia, mas com a monarquia hereditaria. Porque a monarquia vitalicia e electiva enferma de iguaes defeitos. Que o diga o fim de Polonia, por exemplo!

Por outro lado, se não desembaraçarmos o poder da ação das Comunas e dos Sindicatos, o que acontecerá? O parcelamento da soberania, imediatamente. Eis o mal de que padeceu a Idade Media no qual a *diversidade* sacrificou a *unidade*.

A Revolução depois sacrificou á *unidade a diversidade*. A formula do Estado de amanhã consistirá na justa coincidencia desses dois fecundos elementos do progresso social. Decerto, se o dr. Nobre de Melo reflectir um pouco, não por espirito de partido, mas como homem de sciencia, terá que reconhecer que assim é. Outra demonstração nós ocorre agora. O que é que dificultou durante seculos a unificação nacional da Italia? O excesso do particularismo municipal, que preferia mil vezes trazer ao seu país o estrangeiro, do que se sujeitar á coordenação superior dum poder central.

Para isso nos servem as lições da historia. A' sua claridade, lançamos estes ligeiros reparos á conferencia do dr. Nobre de Melo.

Tambem nos parece que o ilustre conferente não destacou bem a ação futura do Militarismo. Para manter a ordem interna, talvez as *milicias*, não no sentido democratico, mas no sentido comunal e corporativo, bastassem mais que suficientemente.

O militarismo destina-se, em nosso ver, a funções maiores, — ás funções de expansão e de colonisação, pelo desenvolvimento das classes na sua força productora e prolificadora. Assim a feição do Estado vindoiro será duplamente sindicalista e imperialista.

Em resumo uma magnifica noite a de ontem. O senhor dr. Martinho Nobre de Melo revelou-se um *afirmativo*, o que não corresponde ao figurino costumado dos professores de Direito que não concluem nunca e que tem, na frase de alguom, a superstição das situações existentes. Mais uma vez se confirma a nossa esperança na gente nova. E' novo o dr. Martinho Nobre de Melo. A sua coragem intelectual fez arrelias nervosas a muitos politicos de oficio que não gostariam de o escutar. Mas mitos pensaram, passou a mitologia politica do Romantismo. E nós entendemos tambem que o nosso dever nos manda olhar de frente o dia de amanhã e ir á guerra com as armas que a guerra nos oferece. As nossas homenagens ao dr. Martinho Nobre de Melo, de cuja conferencia daremos em breve um longo excerto.

P.e Eduardo Pereira

Deu-nos o prazer da sua visita o senhor P. Eduardo Pereira, nosso correligionario, a quem o *Integralismo* na Madeira deve a maior dedicação. O P. Eduardo Pereira é um espirito brilhante, já revelado em mais duma afirmação literaria. Gostámos muito de o ver nesta casa e de aqui lhe significamos a nossa profunda consideração.

Traição á patria?

O correspondente politico d'*A Liberdade*, diz que:

Vão a caminho de França se é que já não estão entregues ao juiz que se ocupa do «affaire» Bolo-Pachá e ao «Quai d'Orsay» as fotografias dos documentos em que se provam os entendimentos do sr. Afonso Costa com o Bolo.

Ainda bem. Justiça, faça-se justiça.

A Separação

Da *Luta* de ontem:

O sr. presidente da Republica recebeu ontem o seguinte telegrama:

«BRAGA, 3. — O povo de Braga, representado por muitas centenas de cidadãos de todas as classes, reunido em assembleia publica, sauda V. Ex.ª e exprime o desejo de que o governo decrete em breve aquelas modificações á lei da Separação que teem sido e são objecto de justas reclamações da consciencia dos catolicos. — O presidente da assembleia, Justino Cruz.»

O sr. presidente da Republica respondeu em telegrama, ao sr. Justino Cruz que o governo, preocupado desde a primeira hora com o problema da consciencia religiosa do país, e sem prejuizo do respeito pela liberdade do pensamento, tinha já elaboradas e em breve decretaria as modificações indispensaveis á lei da Separação, como meio de pacificação nacional e na segurança de que nesta hora essencialmente grave, todos os portuguêses auxiliariam o seu esforço em manter a honra e a integridade da Patria e o prestigio da Republica.

Parlamento

Consta que o futuro Parlamento, terá apenas atribuições constituintes, limitando-se apenas a rever, discutir e aprovar ou reprovar as leis que o actual governo está promulgando, rever a lei eleitoral que o governo vae decretar e fazer a completa revisão da Constituição da Republica, finda esta missão será dissolvida, fazendo então novas eleições geraes.

Caminho de ferro de Chaves

Excelentissimo Senhor Ministro do Comercio,

Lisboa:

Os abaixo assinados, por si e pela quasi totalidade dos povos deste concelho de Chaves e com o aplauso dos de Valpassos e Vinhais, veem muito respeitosamente solicitar a atenção de Vossa Excelencia para um assunto que reputam de altissima importancia.

Trata-se da construção do ultimo troço — compreendido entre Moure e Chaves — do Caminho de Ferro do Vale do Corgo.

Sabe Vossa Excelencia, Senhor Ministro, muito bem que a conclusão do Caminho de Ferro da Regoa a Chaves, é uma das mais caras e legitimas aspirações deste concelho.

Interesses, porém, doutra ordem, determinaram o estudo duma variante pela margem direita nesta ultima parte. Da sua adopção resultaria o seguinte:

1.º — Ficar este troço aumentado de dois kilometros até á vila.

2.º — A construção de duas pontes, uma a juzante de Chaves e outra a montante, obras que teremos de calcular em 50 contos pelo menos.

3.º — Ficar a estação terminus da linha na parte mais infeliz da vila, sem a minima possibilidade de futuro desenvolvimento, tendo em volta de si dois cemiterios, o picadeiro de cavalaria 6 e uma enfermaria de solipedes do mesmo regimento!

Sem duvida seria licito pugnar pela adopção desta variante, embora dispendiosissima se dai resultassem beneficios apreciaveis, para os povos que esta linha se destina servir. Mas quando se verifica que, das quarenta e quatro freguesias que formam o concelho de Chaves, estão situadas na margem esquerda trinta e uma, com cento e sete povoações, sendo as treze da margem direita as menos productivas de todo o concelho; quando vemos que das oito estradas que de toda a região concorrem á vila, só duas nela ingressam pela margem direita; quando, finalmente, reparamos que a variante apenas vai beneficiar as freguesias de Vale de Anta e Outeiro Séco, em detrimento das outras, causa na verdade espanto que haja quem se empenhe em ver adoptado semelhante absurdo!